



As relações entre história e ficção segundo José Saramago

Daniel Vecchio ALVES¹
<https://orcid.org/0000-0003-1696-8369>

Resumo

Para adentrar na relação entre ficção e história em José Saramago, é importante familiarizar-se também com suas entrevistas, ensaios e diários sobre o tema, visto que Saramago foi bastante indagado sobre essa relação interdisciplinar em suas obras, seja em programas comunicacionais, conferências ou palestras. Veremos que, com o estudo desse material crítico-reflexivo de Saramago sobre suas próprias obras, será possível aproximar mais diretamente o ficcionista português dos posicionamentos críticos que tratam especificamente acerca da necessidade de se considerar a possibilidade de apropriação, pela literatura contemporânea, das temáticas da história. A partir desse posicionamento, refletiremos sobre uma ficção saramaguiana que desdobra criativamente as fontes históricas e não apenas uma ficção ambientada na ilusão ou na desconstrução das representações do passado. É essa perspectiva, aliás, que diferencia, em nosso entendimento, a ficção histórica da metaficção historiográfica ou mesmo do romance histórico romântico. O que aqui se propõe, portanto, é reabrir o debate sobre a relação entre ficção e história em José Saramago, que muitos deram por terminado, para melhor explorar essa capacidade da narrativa saramaguiana de proporcionar traços historiograficamente inteligíveis à literatura, fazendo do seu espaço narrativo um campo de implicações semânticas que possibilitam a representação crítica e hipotética de temas e fontes históricas.

Palavras-chave: Referente; História e Ficção; Reconstrução; Sentidos; Possibilidades.

The relationship between history and fiction according to José Saramago

Abstract

In order to get into the relationship between fiction and history in José Saramago, it is important, first of all, to familiarize oneself with his interviews, essays and diaries on the subject, since Saramago was often asked about this interdisciplinary relationship in his works, whether in communication programs, conferences or lectures. We will see that, with the study of this critical-reflective material by Saramago about his own works, it will be possible to bring the Portuguese fiction writer closer to the critical position, which consider the possibility of appropriation, by contemporary literature, of the themes of history. Together with these scholars, we will reflect on a Saramaguian fiction that creatively unfolds historical sources and not just a fiction set in illusion or in the deconstruction of representations of the past.

¹ Doutor em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. Pesquisador de Pós-Doutorado em Estudos Literários, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: danielvecchioalves@hotmail.com

It is this perspective, in fact, that differentiates, in our understanding, the historical fiction from the historiographical metafiction or even from the romantic historical novel. What is proposed here, therefore, is a reopening of the debate on the relationship between fiction and history in José Saramago, which many have ended, in order to better explore this capacity of Saramago's narrative to provide historiographically intelligible traits to literature, making its narrative space a field of semantic implications that make possible the critical and hypothetical representation of historical themes and sources.

Keywords: Referent; History and Fiction; Reconstruction; Meaning; Possibility.



Escrever não é outra tentativa de destruição,
mas antes a tentativa de reconstruir
tudo pelo lado de dentro, [...].
(José Saramago, *Manual de pintura e caligrafia*)

Introdução: Saramago entre a luz e a sombra¹

Para adentrar na relação entre ficção e história em José Saramago, é importante familiarizar-se também com suas entrevistas, ensaios e diários sobre o tema, visto que Saramago foi bastante indagado sobre essa relação interdisciplinar em suas obras, seja em programas comunicacionais, conferências ou palestras. Veremos que, com o estudo desse material crítico-reflexivo de Saramago tendo por base suas próprias obras, será possível aproximar mais diretamente o ficcionista português do posicionamento crítico de autores que tratam especificamente acerca da necessidade de se considerar a possibilidade de apropriação, pela literatura contemporânea, das temáticas da história.

Diante desse posicionamento, refletiremos sobre uma ficção saramaguiana que desdobra criativamente as fontes históricas e não apenas uma ficção ambientada na ilusão ou na desconstrução das representações do passado. É essa perspectiva, aliás, que diferencia, em nosso entendimento, a ficção histórica da metaficção historiográfica ou mesmo do romance histórico romântico. O que aqui se propõe, portanto, é reabrir o debate sobre a relação entre ficção e história em José Saramago, que muitos deram por terminado, para melhor explorar essa capacidade da narrativa saramaguiana de proporcionar traços historiograficamente inteligíveis à literatura, fazendo do seu espaço narrativo um campo de implicações semânticas que possibilitam a representação crítica e hipotética de temas e fontes históricas (VECCHIO, 2017).

Por fim, se Perrone-Moisés (1999) afirmou que, “Se Saramago fosse historiador, pertenceria à nova história”, por outro lado, apesar das inúmeras considerações existentes de Saramago a Georges Duby, este estudo tenderá, com a análise de seu material crítico-ensaístico, a um reposicionamento desse paralelo,

¹ Trabalho apresentado em setembro de 2021 em forma de comunicação no XVII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) - Diálogos Transdisciplinares: literatura ciências humanas, cultura e tecnologia. Apresentação realizada no Simpósio Temático n.º 85, intitulado “Usos políticos da memória e da história nas literaturas de língua portuguesa”.



reaproximando Saramago do tratamento da história dado pela corrente hermenêutico-fenomenológica da filosofia contemporânea, que tem Paul Ricoeur como um de seus expoentes.

É verdade que muitas obras de Saramago foram e ainda são bastante associadas a um tipo de romance histórico cultivado no século XIX, um equívoco anacrônico que deve ser evitado sem dúvida nenhuma. Esse ponto já foi explanado pelo próprio escritor em entrevista a Carlos Reis:

“O rótulo gasto de que sou um romancista histórico”, diz Saramago confessando “uma certa impaciência”, explicar-se-ia, então, “tanto por alguns livros que escrevi como pela minha relação com o tempo e posição perante a história” (p. 18). O mal de que Saramago se queixa é bem português, conforme Eça um dia notou: “Desde que nós, portugueses, laboriosamente conseguimos arranjar uma ideia dentro do crânio – a nossa preguiça intelectual, o nosso desleixo (...) impede-nos de lhe mexer, de atirar do seu canto, onde ela fica ganhando bolor em tranquilidade e para sempre.” Assim tem acontecido com o lugar-comum cultivado pelos desleixados de serviço: Saramago é *romancista histórico* e ponto final (REIS, 2013, p. 59).

Como se Saramago imitasse os modelos literários de Alexandre Herculano ou de Walter Scott, muitos críticos acabam caindo nessa afirmação precipitada. Ainda segundo Reis, “[...], desde que Eça o disse (e Saramago cita-o) que a História será sempre uma grande fantasia; e disse-o, curiosamente, a propósito de um seu romance, *A Relíquia*, [...], em registo não menos heterodoxo (blasfemo, dirão alguns) do que aquilo que está n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*” (REIS, 2013, p. 59). Se “a questão do romance histórico em Saramago é uma falácia (para dizer o mínimo)”, nas palavras de Carlos Reis (2013, p. 59), por outro lado não devemos nos livrar desse complexo problema assim tão facilmente.

Se Saramago não é um romancista histórico aos moldes do século XIX, como entender seu envolvimento na interdisciplinaridade entre esses dois campos narrativos na atualidade? Num primeiro balanço, é possível perceber que muito já se falou sobre as relações entre história e ficção nos romances de Saramago, mas principalmente para afirmar que sua narrativa é literária, fantasista e não histórica. Porém, diante dessa afirmação convencional, muitos caíram num dualismo preguiçoso, sinalizando que a ficção de Saramago, longe da verdade, é apenas ‘tecida com os fios da história’, não querendo mais o autor do que fazer simples alusões ao passado, usando-o para inventar estórias.



O fato é que, se o que Saramago faz é plenamente fantasia ou literatura, o que a literatura e a fantasia podem significar a ele? Não poderia o campo literário possuir potencialidades para a compreensão e a explicação históricas, imersa temporalmente em suas unidades e divergências semânticas? A fantasia (e todo o imaginário sociocultural que a sustém) não possui, por sua vez, suas próprias bases heurísticas? Trata-se aqui de pensar junto a Saramago uma ficção que se quer história também e não apenas uma ficção que compactua complementarmente com ela. Observaremos que Saramago, longe das linhas dos romances, ou seja, em suas diversas publicações e apresentações, nos sugere, como na epígrafe de *História do Cerco de Lisboa*, o ato de corrigir e reparar a história norteado por um processo em que o devir histórico não é colado naturalística ou jornalisticamente ao *corpus* de suas narrativas, mas “é a própria forma narrativa desenvolvida por Saramago que dá unidade entre a estética propriamente dita e a historicidade contemplada no enredo das obras do autor” (AGUIAR; BASTOS, 2010, p. 21-22).

Em síntese, ao revermos brevemente seus ensaios e comunicações sobre o tema, ficará esclarecido que é justamente na exploração hermenêutica das fontes históricas que Saramago valoriza o referencial histórico dispersivo e fragmentário entre suas unidades possíveis de significação, base referencial essa que fundamenta muitos de seus romances. Tal estratégia de representação oferece ao leitor uma transição de paradigmas a respeito dos agenciamentos narrativos, proporcionando outros sentidos ao passado e possibilitando, por fim, enxergar as interpolações e perceber as interpretações semânticas dos documentos que registram os eventos históricos representados literariamente.

A relações entre ficção e história fora das páginas dos romances

Nos vários romances de Saramago percebemos que o autor perpassa por textos prévios da história e da historiografia, nos quais se descobre ou se inventa uma lacuna possível ou provável, de acordo com seu campo semântico e hermenêutico: “No processo de preenchimento da lacuna, da «correção» ou «emenda» do texto prévio, encontramos outros procedimentos reiterados, na configuração do espaço e tempo e das populações do mundo narrativo” (GUSMÃO, 2012, p. 23).



Ademais, esse processamento ficcional dos seus romances constitui, sem dúvida, uma forma singular de ficcionalização de matéria histórica. De acordo com Manuel Gusmão, em José Saramago, “a lição de matéria histórica, mesmo quando produz mundos possíveis, no limite alternativo ao mundo empírico tal como é socialmente construído pelo senso comum, reconhecido pela historiografia, ou reconstituído pelas ciências da natureza, é uma ficção histórica nos seus gestos, uma ficção que historiciza o viver” (GUSMÃO, 2012, p. 22). Mas, além de tratar desse tema dentro de seus romances, Saramago vai explorar este assunto por meio de palestras, ensaios e entrevistas diversas.

Por isso, para adentrarmos na relação entre ficção e história em José Saramago, foi importante se familiarizar com suas conferências, entrevistas, ensaios e notas de diários sobre o tema, visto que Saramago foi bastante indagado sobre essa relação inter e transdisciplinar em suas obras, seja em programas comunicacionais ou palestras acadêmicas. Notamos que esse material crítico-reflexivo de Saramago aponta para uma transdisciplinaridade de ideias e conceitos, o que torna possível aproximar o ficcionista português do posicionamento crítico de investigadoras como Márcia Gobbi e Teresa Cerdeira da Silva, que posicionam suas obras para além das aporias da história.

Encontraremos tal direcionamento crítico, por exemplo, no seu texto intitulado "História e ficção", publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (n. 400, 1990), na transcrição de seu discurso de recebimento do título de Doutor Honoris Causa pela UFRGS (Porto Alegre, 1997), assim como em diversas notas e conferências transcritas nos seis diários de *Cadernos de Lanzarote* (I-30/08; II-05/01 e 10/02; III-28/10; V-01/12). Junto a alguns desses materiais críticos e teóricos produzidos pelo próprio escritor, é possível refletir sobre uma ficção contemporânea capaz de desdobrar criativamente as fontes históricas e não apenas ambientar-se na ilusão ou na desconstrução das representações do passado.

Após explorar esse material crítico de Saramago que reconhece a manifestação de traços historiograficamente inteligíveis nas páginas da literatura contemporânea, nos sensibilizaremos quanto à heurística de suas ideias ficcionais, evidenciando, para isso, todo um campo de implicações semânticas que, na ficção, sugere outras representações críticas e hipotéticas dos registros históricos.



Saramago, crítico literário

Entre maio de 1967 e novembro de 1968, José Saramago contribuiu mensalmente como resenhista de literatura portuguesa contemporânea, na seção de crítica literária da revista *Seara Nova*, um dos mais importantes veículos críticos de Portugal em meados do século XX.² Nesse período em que atuou como crítico literário depara-se, conforme já assinalou Horácio Costa (2020), com abordagens de diferentes valores estéticos, estilísticos ou composicionais que permitem identificar alguns conceitos teóricos fundamentais para o entendimento em profundidade da literatura e seus arcabouços teóricos: “São estes tópicos a utilização da alegoria, da linguagem barroca e da metáfora na obra literária, as questões da unidade e da concepção do personagem na composição literária, além de menções às estéticas do realismo (e, portanto, do neorrealismo) e do realismo-fantástico” (COSTA, 2020, p. 173).

Primeiramente, cabe apontar as ponderações feitas por Saramago acerca da diferença entre o discurso realista e o documental. Ao tratar do romance *O Despojo dos Insensatos* de Mário Ventura, por exemplo, Saramago declara: “Com este material se tece o romance. O romance? Melhor diríamos a reportagem. Porque *O Despojo dos Insensatos* é, acima de tudo, uma excelente reportagem, [...]. Mário Ventura não fez obra de sociologia, mas a sociologia tem no seu livro um documento importante, e tanto mais importante quanto menos dever à imaginação. Vantagem deste romance não-romance...” (SARAMAGO, 1968, s/p.). Nesse comentário, Saramago nos evidencia aspectos *sui generis* de um texto romanesco frente aos seus aportes interdisciplinares, como a história. Portanto, a literariedade, parece possuir a Saramago um “valor central, e inconfundível, de referência” (COSTA, 2020, p. 180).

Com base na breve citação anterior, podemos deduzir que, para Saramago, a literariedade é, com efeito, incompatível com o predomínio de um discurso paraliterário (documental). Isso, no entanto, não impede o autor e crítico-ensaísta de investir esforços nas possibilidades múltiplas do texto literário dialogar com os mais diversos registros humanos, de modo a “ser encontrada uma espécie de discurso que, sem desprezar a matriz realista, soubesse enriquecê-la com dados outros, provenientes de certa alteridade que, por exemplo, estaria implícita, numa relação de

² As revistas da *Seara Nova* encontram-se disponíveis no endereço <http://searanova.publ.pt/espolio-digital/>.



tensão constante, numa forma de realismo aberto” (COSTA, 2020, p. 181). Nessas linhas críticas da *Seara Nova* temos, portanto, uma breve visão de José Saramago quanto à prática de um “realismo aberto”, adaptado às necessidades expressivas do ficcionista juntamente às necessidades revisionistas da sociedade, mantendo contato direto com o seu arquivo mais profundo, em que muitos tipos de linguagem se encontram, se retêm e se pluralizam.

Antes de passarmos ao próximo tópico, é preciso assinalar o quanto a crítica que Saramago tece a certos romances vai ao encontro de diversos estudos teóricos que o escritor português possui em sua biblioteca particular de Lanzarote. Acessando a base de dados Granatensis, da Universidade de Granada,³ temos acesso ao catálogo digital dessa biblioteca, que até hoje permanece nas Ilhas Canárias. Com essa ferramenta, a partir de uma escolha precisa de palavras-chave, pudemos identificar e contabilizar dois conjuntos de estudos que se aproximam de duas grandes tendências críticas: 60 % do total de 49 obras mapeadas sobre teoria literária, focam as relações entre realidade, vivência e estética literária; e 40% do total de 98 obras mapeadas sobre teorias da história e da memória tratam da relação entre testemunho, tempo e relato na representação do passado.

Por dezenas de obras que perpassam por Sartre, DUBY e Joe Nitrik, a biblioteca de Saramago nos aponta uma farta coleção de estudos históricos e literários que debatem sobre o cruzamento entre indivíduo, vivência, estética e imaginário. Isso quer dizer que o Saramago investigador, antes do escritor, se preparou para aquilo que já começara a apontar em suas intervenções críticas e literárias produzidas desde seu período formativo. É partindo de estudos inter e transdisciplinares que Saramago reflete em seus artigos e em suas palestras posteriores, sobre os principais fundamentos da linguagem e da memória, concomitantemente à filosofia da representação que as envolve.

Os manuscritos e ensaios de Saramago sobre as relações entre ficção e história

Entre os manuscritos mais teóricos de Saramago a respeito das relações entre ficção e história encontra-se o texto manuscrito de 1986 intitulado *O íntimo e o*

³ Acessar a plataforma pelo endereço <https://biblioteca.ugr.es/pages/imagenes-noticias/granatensis>.



real – simulações e iluminações (pertencente ao espólio da Fundação José Saramago), no qual o escritor reflete os princípios realistas mais fundamentais da literatura e da própria filosofia, chegando a seguinte verificação: “O real opõe-se ao aparente, ao fictício, ao ideal, ao ilusório, ao possível, ao potencial, etc. Não se opõe ao íntimo. Logo, realidade e intimidade não são conceitos antonômicos” (SARAMAGO, 1986, s/p.). Em uma segunda verificação, Saramago coloca “Intimidade e realidade como imagens flutuantes. Toda a leitura interpretativa da realidade é obra de uma intimidade, em grande parte, e por sua vez, resultante duma realidade interpretada” (SARAMAGO, 1986, s/p.).

A partir dessas duas verificações iniciais, percebemos que Saramago reflete sobre a realidade íntima como foco do processo de entendimento e representação e o quanto essa perspectiva é legítima para debatermos sobre o mundo e sua história, juntamente com todo o aparato já produzido pelo universo humano. Nesse sentido, Saramago chega, nesse manuscrito, à sua terceira verificação que é a de que “Na obra de ficção, o narrador é como uma instância mediadora entre a instância do íntimo e a instância do real. O narrador como transformador (irônico) dos dados recolhidos, isto é, o narrador reelabora, modifica, seleciona os fluxos de informação entre a intimidade e a realidade, nas duas direções” (SARAMAGO, 1986, s/p.).

Construindo a imagem do narrador como “um simulador de sentidos, um produtor de alteridades que actua, de modo ambivalente, sobre o íntimo e sobre o real”, Saramago (1986, s/p.) conclui que o narrador e a narrativa são igualmente iluminadores, “mas que para si mesmo, reserva uma zona de sombra. O narrador não está imóvel, o narrador recusa identificar-se, o narrador multiplica-se, e por essa mesma pluralização torna-se inapreensível, se invisível não pôde tornar-se, continuando presente”. Nessa zona de sombra é que as diferentes narrativas, das mais diversas áreas, se cruzam e se integram numa terceira forma mútua de transitar por temporalidades e espacialidades passadas.

Essa questão é tratada mais detidamente no mencionado texto “História e ficção”, de Saramago, publicado em 1990 no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. “A História, tal como se escreve, ou [...] tal como a fez o historiador é primeiro livro, não mais que o primeiro livro.” E ainda acrescenta: “Restará sempre, contudo, uma grande zona de obscuridade, e é aí, segundo entendo, que o romancista tem o seu campo de trabalho.” (SARAMAGO, 1990, p. 19). Por conseguinte, Saramago toma o romancista



não apenas como um desconstrutor dos discursos históricos, mas alguém capaz de reivindicar outro modo de ver o passado, atuando nessas sombras derivada das escolhas narrativas de um dado fato. Ao escolher um acontecimento, tanto o historiador quanto o ficcionista

abandonam deliberadamente um número indeterminado de dados, em nome de razões de classe ou de Estado, ou de natureza política conjuntural, ou ainda em função e por causa das conveniências duma estratégia ideológica que necessite, para justificar-se, não da História, mas duma História. Esse historiador, na realidade, não se limita a escrever História: faz a História. Por outras palavras: o historiador perfeitamente consciente das consequências político-ideológicas do seu trabalho, sabe que o tempo que assim esteve organizando se produzirá como uma lição magistral a quantos o vierem a ler. Essa lição é porventura a mais magistral de todas as lições, já que o historiador surge como criador de um mundo outro, ele é aquele que vai decidir o que do passado é importante e o que do passado não merece atenção (SARAMAGO, 1990, p. 19).

Diante de uma impotência real para expressar na história o passado inteiro, Saramago percebeu que muitos ficcionistas foram buscar as possibilidades da ficção na imaginação, na elaboração livre sobre um tecido histórico específico: “Não estava muito longe deste sentimento, suponho eu, o grande Georges Duby, quando escreveu: Imaginemos que..., na primeira linha de um dos seus livros” (SARAMAGO, 1990, p. 19). Esse imaginário colocado ao lado da história despertou (principalmente nos apoiadores de Fukuyama) um sentimento de crise da história. Saramago, neste artigo de 1990, até reconhece certa inquietação devido a nossa incapacidade para reconstituir o passado de forma plena. Todavia,

[...], não podendo reconstituí-lo como tentados – sou-o eu, pelo menos – a corrigi-lo. Quando digo corrigir, corrigir a História, não é no sentido de corrigir os factos da História, pois essa nunca poderia ser tarefa de romancista, mas sim de introduzir nela pequenos cartuchos que façam explodir o que até então parecia indiscutível: por outras palavras, substituir o que foi pelo que poderia ter sido. Certamente se argumentará que se trata de um esforço gratuito, pouco menos que inútil, uma vez que aquilo que hoje somos não é do que poderia ter sido que resultou, mais do que efectivamente foi. Simplesmente, se a leitura histórica, feita por via do romance, chegar a ser uma leitura crítica, não do historiador, mas da História, então essa nova operação introduzirá, digamos, uma instabilidade, uma vibração, precisamente causadas pela perturbação do que poderia ter sido, quiça tão útil a um entendimento do nosso presente como a demonstração efectiva, provada e comprovada do que realmente aconteceu (SARAMAGO, 1990, p. 19).

De acordo com tais prerrogativas, para Saramago, duas serão as atitudes possíveis do romancista que escolheu, para a sua ficção, os caminhos da história: “uma,



discreta e respeitosa, consistirá em reproduzir ponto por ponto os factos conhecidos, sendo a ficção mera servidora duma fidelidade que se quer intocável; a outra, ousada, levá-lo-á a entretecer dados históricos não mais que suficientes num tecido ficcional que se manterá predominante” (SARAMAGO, 1990, p. 19). Porém, estes dois vastos mundos, à primeira vista inconciliáveis, podem, para Saramago, vir a ser harmonizados na instância narradora, ou seja, graças ao modo de conceber o tempo histórico em todas as direções.

As conferências de Saramago sobre ficção e história

Neste último tópico, abordaremos, primeiramente, a fonte crítica que, em nossa análise, constitui o que de mais profundo produziu Saramago a respeito das relações entre história e ficção fora das linhas do romance: a conferência “Contar a vida de todos e de cada um”, que foi proferida na Feira do Livro de Oslo em 28 de outubro de 1995 e transcrita, posteriormente, nos *Cadernos de Lanzarote*. Refinando princípios que vem desenvolvendo desde o artigo “História e ficção”, publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* em 1990, José Saramago traça uma reflexão mais ampla acerca tanto dos extremistas céticos que insistem não diferenciar história de ficção quanto daqueles que não enxergam suas aproximações vitais, sugerindo-nos a percepção de uma terceira via romanesca que oscila entre as duas áreas.

Antes de tudo, Saramago assinala sua preocupação com as tentativas de esfacelamento entre história e ficção, posicionamento assentido por estudiosos do tema que consideram a história apenas como invenção do passado. Segundo Saramago (1997, p. 619-620),

Trata-se de uma proposição aparentemente temerária, que poderia mesmo introduzir de modo sub-reptício a insinuação de que não há diferenças substanciais entre Ficção e História. Concluiríamos, neste caso, provavelmente fazendo nascer um novo caos, que tudo no mundo seria Ficção, que nós próprios não seríamos mais do que produtos sempre cambiantes de todas as ficções criadas e a criar, tanto as nossas como as alheias. Seríamos, simultaneamente, os autores e as personagens de uma Ficção Universal sem outra realidade que ter-se constituído com uma espécie de mundo paralelo.

Se para Saramago a história não pode ser reduzida à poeira, pois com ela se extinguiria toda a vivência dos indivíduos, o historiador, por outro lado, não se limita a escrever verdades, marcando, com seus vieses, a escrita sobre o passado. No entanto,



é precisamente o seu imaginar, que antes havia sido considerado pecado mortal pelos historiadores positivistas e seus continuadores diversos, que se apresenta como um dos recursos que agora fazem com que o discurso do historiador seja possível de ser intermediado com o mundo que investiga e representa.

Esse jogo, explanado por Saramago na palestra de Oslo, ainda que à primeira vista não pareça, tem muito que ver com “as novas percepções, os novos pontos de vista, as novas interpretações que irão tornando cada vez mais densa e substancial a imagem histórica que do Passado nos vinha sendo dada” (SARAMAGO, 1997, p. 623). Ademais, Saramago nos ensina, nessa conferência de 1995, que “a impressão de dispersão da matéria histórica na matéria ficcionada, não só não significa desorganização de uma e outra como aspira a ser uma reorganização de ambas” (SARAMAGO, 1997, p. 624-625).

Chegamos aqui à chave crítica de Saramago a respeito do problema interdisciplinar proposto desde o início desta breve investigação. A reorganização de ambas as matérias provoca no escritor novas perspectivas de estudo e representação, proporcionando um efeito íntimo do real: “[...], interessar-me-ia conhecer muito mais as pequenas histórias que vieram a ser consequência dessa História de formato grande, alcançar uma compreensão real das inúmeras e ínfimas histórias pessoais, desse tempo angustiosamente perdido e informe, [...], a substância mental, espiritual e ideológica de que afinal somos feitos” (SARAMAGO, 1997, p. 626). O olhar saramaguiano ao passado remete-nos a um imenso tempo perdido a ser buscado entre o coletivo e o individual (ou o íntimo como declara no manuscrito de 1986), a um transitar numa zona obscura de ações e documentos desencontrados.

A história e a ficção, que busca no passado o seu objeto, são, em resumo, cruzamentos temporais, percursos traçados por entre casos e pessoas anteriores:

Admito que a declaração [...] de ser o historiador um seleccionador de textos, pareça demasiado crua e chocante. Direi, então, em termos mais técnicos, citando um teórico da literatura, que “o historiador realiza uma rarefacção do referencial, criando uma espécie de malha larga, perfeitamente tecida, mas que envolve espaços de obscurecimento ou de redução dos factos”. Ora, deste ponto de vista, parece-me bastante pertinente dizer que a História se nos apresenta como um parente próximo da Ficção, porquanto, ao “rarefazer o referencial”, procede a omissões voluntárias de que irão resultar modificações no panorama do período observado, com forçosa consequência do estabelecimento de relações diferentes entre os factos “sobreviventes”. Aliás, é interessante verificar como certas escolas históricas recentes começaram a sentir-se inquietas quanto ao rigor efectivo duma História como a que vinha sendo estar



diante de romancistas dados a temas históricos, não porque escrevam História romanceada, mas porque reflectem uma insatisfação tão profunda que, para aquietar-se, teve de abrir-se à imaginação, uma imaginação que manterá como suporte essencial os factos da História, mas que abandonará a sua antiga exclusiva relação com eles, de sujeição resignada ao império em que se tinham constituído. Não faltará quem considere que, por esta via, a História se tornou menos científica. É uma questão em cuja discussão não me atreveria a participar. Como romancista, basta-me pensar que sempre será melhor ciência aquela que for capaz de me proporcionar uma compreensão dupla: a do Homem pelo Facto, a do Facto pelo Homem (SARAMAGO, 1997, p. 625-626).

Em suma, diante do que foi exposto por Saramago na Feira de Oslo, se pode dizer que toda a ficção é, e não pode deixar de ser, histórica. Mas é difícil explicar em pormenores como um romancista trabalha literariamente a história sem proceder assim por necessidade de evasão, por incapacidade de entender o presente e de se adaptar a ele, o que nos faria retornar ao romance histórico oitocentista, o mais acabado exemplo de fuga à realidade. Pois como diz o próprio conferencista, se a verdade plena nos apresenta como aporia, ou seja, impossível de ser atingida ou representada, a mentira, por sua vez, se mostra como noção demasiada relativa ao contexto em que é emitida e recebida.

Do que foi exposto por Saramago na conferência da Feira do Livro de Oslo, é possível afirmar que toda a ficção é, e não pode deixar de ser, histórica. Como na epígrafe de *Objeto Quase*, Saramago aponta que “é necessário formar as circunstâncias humanamente” (1994, p. 7), de modo a se distanciar dos determinismos que ocultam as ações do sujeito em seu universo de compreensão e de complexas reações. Somente assim é que se torna possível a rarefação do referencial na malha ficcional, ou seja, tornar a representação dos seres menos densa e mais cotidiana e singular. Desse modo, sua narrativa pode instavelmente adentrar de forma hipotética nos meandros de quem escreveu e de quem foi representado nos documentos oficiais, sem deixar escapar “o sopro da voz colectiva” (SARAMAGO, 1997, p. 624) com o qual o próprio romancista dialoga.

Nesse sentido, concluímos que é precisamente uma consciência intensíssima e tensional do presente, que leva tanto o romancista quanto o historiador contemporâneos a olhar na direção do passado, não como um refúgio, mas para conhecê-lo mais e, sobretudo, melhor. Se Benedetto Croce (1962) escreveu um dia que “Toda a História é história contemporânea”, Saramago nos mostra que o mestre



italiano merecia um aluno capaz de continuá-lo, cuja lição proporcionasse frutos mais saborosos numa colheita futura.

Foi no discurso do título de Doutor Honoris Causa pela UFRGS, ocorrido em Porto Alegre no dia 26 abril de 1998, que Saramago proferiu claramente sua opinião de que “[...] não seria menos que estulto, de condenar o trabalho da História. Pelo contrário, trata-se de verificar os limites em que ele se move, com prejuízo, aceitemos agora sem restrições a palavra, do presente” (SARAMAGO, 1999, p. 36). Saramago queria com isso significar que, o presente implica necessariamente uma contínua reinvenção do passado, isto é,

[...], de um reexame, de uma reordenação, e uma reavaliação dos factos pgressos, questionando em consequência cada momento do próprio Presente e portanto das possibilidades do Futuro. [...]. E àqueles que vinham anunciando, com grande estrépito de falsas razões, o fim da História, ousaria eu responder que a História, assim entendida, ainda nem sequer principiou (SARAMAGO, 1999, p. 36).

Cabe notar que tais alíneas tornam-se compatíveis aos fundamentos apresentados nas intervenções de Saramago com o que afirma Márcia Gobbi, por exemplo, ao dizer da necessidade de se considerar os valores historiográficos da literatura. Segundo a estudiosa, “ao lado daquelas ficções literárias que aludem a situações históricas, com os mais diversos objetivos [...], é preciso pensar naquela série de romances que tomam uma realidade qualquer do universo histórico e a transformam em sua matéria, em parte integrante de sua estrutura” (GOBBI, 2004, p. 38).

Ao conceber a ficção como forma de conhecimento histórico válido (inclusive, mais filosófico do que aquele propiciado pela história, como alertara Aristóteles), voltamos ao estudo clássico, porém ainda bastante atual, de Teresa Cristina Cerdeira da Silva, intitulado *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses* (1989), em que se faz a seguinte reflexão: “em que medida a postura desses romances, voluntariamente histórica, como confessa o autor, é, senão inovadora, pelo menos mais radical do que outros projetos ficcionais que, em Portugal, transitam também para o discurso do vero sem se contentar com o verossímil?” (SILVA, 1989, p. 61).



Considerações finais

Com todo esse debate suscitado, a lição maior que nos lega o premiado escritor português ainda permanece sensível entre nós. É que, por mais que tenha declarado em inúmeras entrevistas que história não é ciência e sim ficção, Saramago nos omitia (não intencionalmente, claro) o que ficção pode significar a ele. Os materiais extraliterários, que analisamos aqui de forma breve, nos apontaram que o escritor exerceu sua crítica no seguinte contexto: “por um lado, está arraigado no cânone realista; por outro, a sua compreensão e valorização profundas da alteridade meta-realista na escrita que abre espaços de problematização deste seu arraigamento” (COSTA, 2020, p. 183).

Pelo que pudemos abordar da conferência de Saramago em questão, cabe ressaltarmos uma aproximação latente às reflexões de Ana Paula Arnaut, ao apontar esta estudiosa que “O pendor histórico-didático da obra saramaguiana não tem que ver com uma atitude veneradora dos registos do passado [como denota a etiqueta do romance histórico], tem, antes, de ser pensado à luz da criação desse mundo possível que o autor pretende instalar” (ARNAUT, 1999, p. 332).

Portanto, concordamos com Gusmão ao apontar que “a singularidade da crítica de José Saramago está também no modo como a sua ficção oferece resistência a uma certa vulgata pós-modernista enquanto aceitação de um suposto fim da História e das ideologias” (GUSMÃO, 2012, p. 23). Talvez esteja justamente aqui um dos pontos fundamentais que oferece uma amplitude heterogênea em suas conferências, em seus ensaios e, no geral, em suas narrativas literárias, que juntas reiteram como “Saramago une desejo de ficção e desejo de história, ou seja, como sintoma de crise e gesto de crítica, como receio da barbárie e desejo de um outro futuro” (GUSMÃO, 2012, p. 23).

Em síntese, vimos aqui que as reflexões teóricas de Saramago estiveram sempre muito próximas da sua criação literária posterior, criação essa que não deve ser rotulada redutoramente de histórica. Por outro lado, tal força criativa não impediu o escritor de adotar uma nova postura crítica e discursiva perante a historiografia, o que lhe possibilitou propor um fecundo projeto ficcional que dialogou efetivamente com a história dos portugueses, demonstrando seu descontentamento com a mera representação verossímil de acontecimentos passados.



Referências

AGUIAR, João Valente Aguiar; BASTOS, Nadia. A História e a construção histórica na obra de José Saramago. **Crítica Marxista**, n. 31, 2010, p. 11-22.

ARNAUT, Ana Paula. Viagem ao centro da escrita: da subversão à irreverência da(s) histórias(s). **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 151-152, jan-jun 1999, p. 325-334.

COSTA, Horácio. Saramago, crítico literário. In COSTA, Horácio. **Período Formativo**. Belo Horizonte: Moinhos, 2020, p. 170-188.

CROCE, Benedetto. **A história, pensamento e ação**. Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Imprensa, 1962.

GOBBI, Márcia V. Z. Relações entre ficção e história: breve revisão teórica. **Itinerários**, Araraquara-SP, n. 22, 2004, p. 37-57.

GUSMÃO, Manuel. Linguagem e História segundo José Saramago. **Blimunda** (Revista da Fundação José Saramago), Lisboa, n. 6, nov. 2012, p. 21-24.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago. In: CARVALHAL, Tania Franco; TUTIKIAN, Jane (orgs.). **Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 101-108.

REIS, Carlos. A Estátua e a Pedra ou a magia das ficções. **Blimunda**, Lisboa, n. 12, 2013, p. 55-63.

SARAMAGO, José. Uma nova geração de maravilhas”. Sobre O Despojo dos Insensatos, de Mário Ventura, **Seara Nova**, Lisboa, n. 1477, out 1968, s/p.

SARAMAGO, José. **O íntimo e o real: simulações e iluminações** (Manuscrito). 1986. [*Documento constituinte do espólio de José Saramago da Biblioteca Nacional de Portugal. Documento acessado pela réplica exposta na Fundação José Saramago].

SARAMAGO, José. História e ficção. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, n. 400, 1990, p. 19-21.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote I**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de Portugueses**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.



VECCHIO, Daniel. As práticas indiciárias de José Saramago. **Convergência Lusíada**, n. 37, janeiro – junho de 2017, p. 108-127.

Recebido em 13 de abril de 2022.

Aprovado em 05 de julho de 2022.

